



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O xote ecológico

Quando eu era adolescente, gostava de ouvir Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Alguns amigos diziam: “Isso é música de velho”. Eu replicava que eles eram ignorantes, não entendiam nada, Gonzaga e Jackson eram modernos, misturavam chiclete com banana. A Tropicália de Caetano e Gil já havia pousado em minha cabeça o seu objeto não identificado. Eu gostava do rock pesado dos Mutantes, de Alice Cooper e dos Rolling Stones, mas também de Gonzagão e de Jackson.

Na virada dos anos 1970, ao perguntarem quem era o maior gênio da

cultura brasileira, Caetano não titubeou e respondeu: Luiz Gonzaga. A declaração provocou escândalo, mas era simplesmente óbvia. Se tivesse inventado só as canções juninas, Gonzagão já teria um lugar de destaque na história cultural de qualquer país do mundo.

O baião foi criado, na década de 1940, por Luiz Gonzaga e pelo advogado Humberto Teixeira, no Rio de Janeiro. É uma invenção híbrida, rural e urbana, popular e erudita, tradicional. No excelente *Verdade tropical*, Caetano se jactou de ter sido o primeiro a incluir a marca Coca-Cola em uma canção popular. Mas ele mesmo contou que um fã lhe enviou mensagem com a correção: “Você está errado, Luiz Gonzaga usou Coca Cola em *Dois siris*”.

E, de fato, na referida canção, em uma letra surreal, Gonzaga canta: “Lá

no mar/vi dois siris jogando bola/vi dois siris bolar jogar/eu vi um peba/de batina e de estola/no salão pedindo esmola/pro enterro do preá/vi um jumento beber 20 Coca Cola/ficar cheio que nem bola/e dá um aroto de lascar”.

Além disso, Luiz Gonzaga foi o primeiro a cantar as mudanças climáticas, pois as instabilidades extremas já eram vivenciadas na região agreste nordestina. Ele auscultava os sinais da natureza: o voo da Asa branca anunciando a seca calcinante, o pedido para que o acauã parasse de cantar para que a chuva volte ou atento à floração do mandacaru no estio para prenunciar a chuva.

Escrevi uma crônica sobre o Seu Humberto, o nosso DJ da recepção, que nos brinda todos os dias com o melhor repertório de Luiz Gonzaga e

outros grandes da música popular brasileira. Em agradecimento, Humberto me distinguiu com um presente precioso: um CD com mais de 200 canções de Gonzagão. Todos os dias, ouço no carro durante o trânsito pelas vias amplas da cidade espacial.

Pois bem, durante o périplo, descobri uma canção de urgente atualidade e que evidencia, mais uma vez, as antenas poderosas de sensibilidade do Rei do Baião. É o xote ecológico, composto em 1989, em parceria com Aguinaldo Batista, que toca em cheio em nosso drama das mudanças climáticas, do ponto de vista do sertanejo do agreste. Ainda não havia consciência mais nítida sobre os problemas ambientais, que são simbolizados pela poluição: “Não posso respirar, não posso mais nadar/a terra está

morrendo não dá mais pra plantar/se plantar não nasce, se nascer não dá/até pinga da boa é difícil de encontrar.”

Mais adiante, Gonzagão traça um cenário apocalíptico das transformações provocadas pelas agressões humanas à natureza: “Cadê a flor que estava aqui?/poluição comeu./O peixe que é do mar?/Poluição comeu./O verde onde é que está?/Poluição comeu./Nem o Chico Mendes sobreviveu.”

Não é preciso ir muito longe, as mudanças climáticas estão alterando a floração dos nossos ipês. Cadê o ipê amarelo? Não podemos mais votar em negacionistas. Na Europa, até os partidos de extrema direita têm um programa ambiental. Todos nós teremos de ser ambientalistas. Quem não for, não sobreviverá. Vamos ler os sinais que a terra está nos enviando.

»CB.PODER | CARLOS LONGO | REITOR DA UCB



Acesse o QRCode com seu celular e assista à entrevista

Ao *CB.Poder*, o professor falou do comitê internacional de juristas, criado pelo papa Francisco em 2019, para defender minorias sociais. Ele destacou que a representação do grupo, no Brasil, ficará em sua instituição no Distrito Federal

“Um trabalho para os desfavorecidos”

» JOSÉ ALBUQUERQUE*

O Comitê Pan-Americano de Juízes e Juízas para os Direitos Sociais e Doutrina Franciscana (Copaju), foi tema, ontem, do *CB.Poder* — parceria do *Correio* com a TV Brasília. As jornalistas, Samanta Sallum e Sibeles Negromonte, o reitor da Universidade

Católica de Brasília (UCB), professor Carlos Longo, comentou o trabalho desse grupo — criado durante o papo de Francisco — que tem a missão de defender juridicamente as minorias. Ele também falou da criação de um novo novo campus de sua instituição no Plano Piloto.

Quais são os objetivos do comitê?

O Copaju, como é chamado esse comitê (Pan-Americano de Juízes e Juízas para os Direitos Sociais e Doutrina Franciscana), é um órgão internacional criado pelo papa Francisco com o objetivo de defender juridicamente as minorias. A UCB tem a honra de ter sido escolhida como sede do Capítulo Brasil, onde esses juristas estarão presentes, com o apoio dos nossos estudantes e professores, para realizar um trabalho social muito relevante no campo da justiça para pessoas menos favorecidas.

O comitê surgiu na Argentina?

Sim, surgiu na Argentina. O papa Francisco criou esse núcleo em 2019. Hoje, está presente em mais de 10 países.

O Copaju ficará só em Brasília ou atenderá o país todo?

Teremos várias ações em nível nacional, mas a sede — onde ficam os juízes e promotores — é aqui, em Brasília, dentro da Universidade Católica.

Como esse comitê foi recebido pela comunidade universitária?

É uma emoção muito grande. Estamos empolgados, pois nos preparamos por um ano e meio. Havia até a expectativa, caso o papa não tivesse falecido, de ele participar com uma live. Inclusive, foi exibido um vídeo em que ele deixou uma mensagem sobre a importância do Copaju. Isso tem uma grande relevância para nós. Somos uma instituição confessional, mas com a proposta de transformar vidas e gerar impacto social. Participar de um movimento como esse, idealizado pelo papa Francisco,

que mudou a forma de pensar e trouxe juízes do mundo todo para prestar assistência social, é muito importante para nós.

E essa missão da UCB ser o ponto de partida do projeto no Brasil?

O mais importante é dar consciência aos jovens estudantes sobre esse problema social, que é garantir justiça para todos. Esse também é o objetivo dos magistrados envolvidos, que estão doando seu tempo com o propósito de garantir acesso real à justiça. O Copaju vai funcionar dentro do núcleo jurídico existente na universidade.

E qual é a diferença do Copaju em relação ao Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ)?

O NPJ trata, de forma geral, das questões legais. Pessoas de baixa renda procuram o núcleo para

Bruna Gaston CB/DA Press



resolver problemas diversos, desde questões (de consumo), com o Procon, até casos civis e familiares. Nossos advogados e alunos fazem esse trabalho. Já o Copaju é centrado nos direitos humanos e isso amplia a formação desses jovens estudantes de direito. Também permite à universidade, por meio da pesquisa jurídica e da psicologia, atuar de forma conjunta. Quando há, por exemplo, um problema jurídico envolvendo uma mulher desprotegida existe o aspecto legal mas também o psicológico, o apoio emocional. O Copaju traz essa visão mais ampla, oferecendo um apoio integral ao cidadão, além do jurídico.

Há adesão espontânea dos magistrados no Copaju ou é a Igreja que os procura?

"Francisco liderou resistência"

» ANA CAROLINA ALVES
» ISABELA STANGA
» RONAYRE NUNES

Durante evento do Comitê Pan-Americano de Juízes e Juízas para os Direitos Sociais e Doutrina Franciscana (Copaju), ontem, na Universidade Católica de Brasília (UCB), o jurista, ex-ministro da Suprema Corte argentina e amigo do papa Francisco, Raúl Zaffaroni, ressaltou que o líder

católico estava à frente da resistência para a defesa dos direitos humanos.

O ex-ministro — designado como membro do Conselho Acadêmico Fundador do Copaju em 2023 — ficou à frente, na UCB, da aula magna “Inteligência artificial, justiça e democracia”. Ele disse para a universidade que: “Francisco foi o líder da resistência nesta guerra, chamada comumente de guerra cultural, mas que na

verdade é uma batalha econômica. A voz mais forte na defesa da dignidade humana foi a voz do papa”.

Zaffaroni defendeu, ainda, a eficácia do estado de direito na garantia da dignidade humana. “As garantias penais são o elemento fundamental dos direitos humanos. Talvez não sejam suficientes, mas são imprescindíveis”, acrescentou.

Por sua vez, a presidente do capítulo brasileiro do Copaju, a

juíza Ananda Tostes Isoni destacou um ensinamento do pontífice: “Ele nos ensinou que não se constrói justiça social para os povos, mas com os povos, e que nenhuma sentença pode ser justa se o que gera é mais desigualdade”.



Acesse o QRCode e veja a entrevista

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos em 29 de abril de 2025

» Campo da Esperança

Adriana Magalhães Lins, 76 anos
Almerinda de Almeida Silva, 94 anos
Ana Nery Reinaldo da Silva, 56 anos
Antônia Ramos dos Passos, 93 anos
Arnaldo Moreira dos Santos Júnior, 42 anos
Carlos Mideo Oliveira, 68 anos
Edivaldo Pereira de Oliveira, 57 anos
Francisco Fábio Alves dos Santos, 59 anos
José Alves de Azevedo, 78 anos
Lindinalva Valença de Lima, 66 anos
Luiz Carlos de Gouveia Horta, 76 anos
Luiz Gonzaga Quintanilha de Oliveira, 87 anos
Manoel Gonçalves da Silva, 79 anos
Manoel José da Silva, 80 anos

Maria Lúcia Severina da Silva Araújo, 58 anos
Maria Vanda Lopes de Albuquerque, 88 anos
Nilson Avelino Barreto, 63 anos
Nilva Cândida Feitoza Sarmento, 59 anos
Salvador Ribeiro Soares, 60 anos
Tatiana Studart Rodrigues Marques, 42 anos
Zezito Rodrigues Teixeira, 53 anos

» Taguatinga

Dalila Soares Pereira, 87 anos
Djalma Gonzaga da Silva, 63 anos
Francisco Homério Emédio da Câmara, 57 anos
Francisco Matias de Carvalho, 65 anos
Gabrielle Noronha, menos de um ano
Joaquim Vítor Gonçalves, 82 anos
Jose Ebraim Rocha Pereira, 26 anos

José Gilson Inácio da Silva, 58 anos
José Willis Mendes do Vale, 43 anos
Jurani Paulino da Silva, 75 anos
Maria Aparecida de Almeida Rocha, 81 anos
Maria Barbosa Ramos, 88 anos
Maria Ivanilde do Vale Araújo, 76 anos
Maria Sobrinha de Queiróz, 86 anos
Valdecir Gomes de Oliveira, 57 anos
Valdevino Alves Ferreira, 63 anos
Venina Ferreira Queiroz, 73 anos

» Gama

Antônio Cícero do Carmo, 87 anos
Fábio de Sousa Seabra, 57 anos
Henry Araújo Silva, menos de um ano
Iraci Marinho da Silva, 76 anos

» Brazlândia

Maria Áurea Martins da Rocha, 60 anos

» Sobradinho

Antônio Soares da Silva, 79 anos
Iraci Rosa de Jesus, 78 anos
José Maria de Queiróz Luiz, 65 anos

» Jardim Metropolitano

Ceni Maria de Jesus, 73 anos

» Cremações:

Maria Iracema Barreto Cavalcanti, 69 anos
Manuel Araújo de Melo, 83 anos
Déborah Pessoa Lobão de Vasconcelos, 19 anos